

A CARTA DE FRANCISCO SANCHES A JACÓ DE CASTRO E A “CARTA AO LEITOR” DE *QUE NADA SE SABE*

Francisco Sanches

Tradução e notas
Carol Martins da Rocha

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
Email: carol.rocha@ufjf.edu.br

Francisco Sanches¹ (1551-1623) foi um médico e filósofo português, que ocupou a cadeira de filosofia e, já ao final da vida, de medicina na Universidade de Toulouse, na França. De sua trajetória intelectual, com significativa passagem por Bordeaux e Roma, temos algumas poucas obras publicadas – embora o filósofo registre a produção de outras que não nos chegaram –, das quais o tratado filosófico *Que nada se sabe* (*Quod nihil scitur*), publicado em 1581, é a mais conhecida. Nele Sanches defende um ceticismo radical, apontando erros e inconsistências da teoria aristotélica da ciência, bastante em voga à época, que se baseava no silogismo demonstrativo. Antecedem o tratado duas cartas, com diferentes destinatários. A primeira é dirigida a Jacó de Castro, membro da faculdade de medicina de Coimbra, e a segunda ao leitor do tratado.

Antes de passarmos ao texto das cartas que antecedem tal tratado, julgamos pertinente comentar brevemente a biografia do filósofo e a obra em que constam as cartas aqui traduzidas.

Nota biográfica

As controvérsias que circundam Francisco Sanches começam já em relação a seu local de nascimento. No levantamento que faz sobre a questão, Elaine Limbrick (SANCHES, 1988, p. 4, n. 1) afirma que Sanches provavelmente nasceu em Tui – cidade da porção noroeste da Espanha, situada na margem direita do rio Minho. Tui pertencia, então, à diocese portuguesa de Braga, onde Sanches foi batizado e, tendo ali vivido com sua família, frequentou a escola até os 11 anos de idade. Em diferentes documentos, apresentados de forma mais completa por Moraes Filho (1953), ora se atesta o nascimento do filósofo em Braga, ora em Tui e ainda, segundo Severiano Tavares (1945a, 1945b, 1951), em Valença do Minho. Na opinião de Limbrick, contribui para a confusão sobre a origem espanhola ou portuguesa do filósofo, o uso indiscriminado dos adjetivos *Lusitanus* e *Hispanicus* nos séculos XVI e XVII.

Sabe-se, no entanto, que seu pai, Antonio Sanches, decide partir de Braga em 1562, provavelmente motivado pelas condições econômicas desfavoráveis e pelo clima político e religioso em Portugal – onde judeus estavam sendo perseguidos pela Inquisição –, rumo a Bordeaux, na França, país onde Francisco Sanches passará

¹ Há não apenas nas próprias publicações do filósofo como também na bibliografia a ela dedicada uma variação na grafia de seu sobrenome: ora Sanches, ora Sanchez. Adotamos aqui a grafia preferida pelos autores de língua portuguesa, mas mantivemos a variação existente ao citar a bibliografia.

a maior parte da sua vida. Ali o filósofo frequentou o Collège de Guyenne (mais tarde também frequentado por Montaigne). Segundo Limbrick (SANCHES, 1988, p. 8), os anos de formação nesse colégio foram cruciais para muitas das observações que o filósofo faz em *Que nada se sabe* quanto a sua própria formação e de seus contemporâneos.

Uma das contribuições do Collège de Guyenne foi seu intuito de formar alunos fluentes em latim – língua adotada pelos eruditos e acadêmicos da época em seus escritos. Para isso, as cartas, discursos e tratados retóricos de Cícero (106-43 a.C.) eram os principais textos em prosa usados nas aulas. Mas, se o filósofo adotou a língua do Arpinate, não se pode dizer o mesmo no que diz respeito a seu estilo. Na Carta ao leitor, Sanches afirma: “Não espere de mim, portanto, um discurso enfeitado e polido” (*Non igitur a me comptam et politam expectes orationem*). Nas palavras de Limbrick (SANCHES, 1988, p. 9): “o latim de Sanches é enganosamente simples: ele parodia as técnicas retóricas usadas pelos Escolásticos, incorpora a linguagem forte, vigorosa e concreta de seus contemporâneos em suas espirituosas tiradas e passa constantemente de afirmações filosóficas elípticas para longas discussões de evidências científicas que negam uma prova de conhecimento aristotélica em particular, de modo que, às vezes, a impressão é de se estar lendo um tratado científico”.²

Acredita-se que o contato de Sanches com a obra de Aristóteles (384-322 a.C.) tenha se iniciado já no Collège de Guyenne. Isso porque parece ter havido uma sobreposição entre os anos finais do ensino secundário e do ensino superior – já eram oferecidas no colégio francês disciplinas como matemática e filosofia, embora essas não fizessem parte do currículo secundário. Os alunos, então, estudavam primordialmente a lógica aristotélica no primeiro ano e, na sequência, tinham cursos de filosofia natural, em que se estudavam a *Physica* e *De caelo* do filósofo grego.

Mas decisiva para a postura de Sanches em relação aos princípios aristotélicos parece ter sido sua estada em território italiano, entre os anos de 1571 e 1573. Em Roma, o filósofo português teve seu primeiro contato com as recentes interpretações da *Ars medica* de Galeno (129-217 d.C), em que a questão do método – cerne das reflexões de *Que nada se sabe* – e a teoria da demonstração de Aristóteles são colocadas em exame. A tradição italiana, calcada em Galeno, também influenciou a relação permanente entre medicina e filosofia que se estabeleceu na obra e na vida de Francisco Sanches. A abordagem empírica da medicina, característica dos estudos italianos da época, se coadunou com a intenção de Sanches de examinar os fatos, sem o peso da autoridade dos seus antecedentes.

Posteriormente o autor retorna à França, onde se forma na Universidade de Montpellier e disputa, sem sucesso, uma cadeira de medicina. Embora essa fosse uma das mais renomadas faculdades de medicina da França, os estudos ali eram muito mais conservadores e menos orientados pela prática do que aqueles pelos quais Sanches havia passado em sua formação em Roma. Assim, a influência nos estudos do filósofo desse breve período em Montpellier parece ter sido mínima.

Em 1575, Sanches se muda para Toulouse, onde *Que nada se sabe* foi composto, e ali passa o resto de sua vida. Ao longo dos anos, além de continuar pleiteando, muitas vezes sem sucesso, uma cadeira de medicina, Sanches produz sua obra médica e filosófica. Data de 1578, a publicação de seu primeiro texto, *Carmen de cometa anni M. D. LXXVII*, ao qual algumas outras obras se seguiram. Sua reputação

² “The Latin of Sanches is deceptively simple: he parodies the rhetorical techniques used by the Scholastics, incorporates the strong vigorous concrete language of his contemporaries into the witty tirades, and constantly moves from elliptical philosophical statements to long discussions of the scientific evidence which negates a particular Aristotelian proof of knowledge, so that at times one has the impression of reading a scientific treatise”.

na filosofia lhe garantiu a indicação, sem nenhum tipo de disputa, para a cadeira da disciplina em 1585. Os 27 anos de atuação de Sanches como professor de filosofia parecem não se refletir no número, bastante pequeno, de publicações nessa área, sobretudo se comparado ao *corpus* dedicado à medicina. Contudo, segundo Limbrick (SANCHES, 1988, p. 22-3), essa discrepância pode ter se devido não apenas ao seu trabalho ininterrupto como médico, mas ao constante e dedicado esforço de Sanches em obter uma cadeira de medicina – que só foi alcançada em 1612, onze anos antes de sua morte em 1623.

Notas sobre *Que nada se sabe*

Em *Que nada se sabe*, obra em que estão presentes as duas cartas que traduzimos, Francisco Sanches argumenta que há uma crise de método e de fundamentação teórica para a ciência de sua época, pois para ele, contra os Escolásticos e principalmente contra o Tomismo, a epistemologia e a lógica Aristotélica já não fazem mais sentido e não podem mais servir como base para as ciências, notadamente a medicina. Assim, Sanches invectiva contra aspectos cruciais da filosofia de Aristóteles (384-322 a.C.), como as operações silogísticas, teorias de causalidade e etc., conforme recebidos e interpretados por Escolásticos como os chamados Aristotélicos de Coimbra. Para tal, o filósofo se utiliza de argumentos céticos dispostos por Cícero (106-43 a.C.), Sexto Empírico (II-III d.C.) e Diógenes Laércio (III d.C.), e após ter considerado que a filosofia de Aristóteles já estava suficientemente refutada, propõe como alternativa metodológica uma espécie de empirismo herdado do médico Galeno (129-217 d.C.).

Após sua publicação em 1581, *Que nada se sabe* causou um enorme impacto sobre a filosofia e a medicina da época, tendo influenciado autores como Michel de Montaigne (1533-1592) e René Descartes (1596-1650), cujos célebres expediente meditativo e argumento do *cogito* são de inspiração francamente Sancheniana, pois ocorrem pela primeira vez no tratado do autor em cotejo.

Notas sobre o texto latino

Empregamos aqui o texto latino presente na edição da Cambridge University Press, estabelecido por Douglas F. S. Thomson (SANCHES, 1988). Seguimos, inclusive, a ortografia adotada pelo editor, que indica o “m” com um travessão em cima da vogal que o antecede, quando o texto original assim o faz. Mantivemos igualmente o texto latino sem parágrafos – a fim de facilitar o cotejo entre texto original e tradução, inserimos separações no texto latino. Na tradução, preferimos adotar a divisão sugerida pelo referido editor.

Consultamos diferentes traduções do texto, que, para maior clareza, serão indicadas nas notas à tradução da seguinte maneira:

Thomson (1988) = SANCHES, Francisco. *That nothing is known (Quod nihil scitur)*. Introdução, notas e bibliografia de Elaine Limbrick. Estabelecimento do texto latino, notas e tradução de Douglas F. S. Thomson. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

Vasconcelos (1991) = SANCHES, Francisco. *Que nada se sabe*. Apresentação de Joaquim de Carvalho. Tradução de Basílio de Vasconcelos. Lisboa: Vega, 1991.

Lojacono (2011) = SANCHEZ, Francisco. *Tutte le opere filosofiche*. Edição de Claudio Buccolini e Ettore Lojacono. Milão: Bompiani, 2011.

Menéndez e Pelayo (1944) = SÁNCHEZ, Francisco. *Que nada se sabe*. Com prefácio de Marcelino Menéndez e Pelayo. Buenos Aires: Emecé, 1944.³

Carta a Jacó de Castro

INTEGERRIMO,
DISERTISSIMOQVE VIRO
IACOBO A CASTRO, FRANCISCVS
SANCHEZ S. P.

FRANCISCO SANCHES
SAÚDA⁴ O EXTREMAMENTE
ÍNTEGRO E ELOQUENTE
HOMEM, JACÓ DE CASTRO⁵

Cum nuper librorum scrinium euoluerem, amicissime Iacobe, incidi forte in opusculum hoc, quod ante septennium edideram, cōdideramque usque in nonū annum illius consilio: reperique id adeo tineis & blattis laceratum, ut si biennium adhuc distulissent in lucem proferre, timendum erat, ne tunc potius in ignem, quam in lucem mittere necesse fuisset. Id me coëgit illud praepropere

Quando há pouco eu revirava o “escrínio”⁶ dos meus livros, amicíssimo Jacó, encontrei, por acaso, este livrinho, que há sete anos eu havia composto, e guardado até o nono ano, segundo o conselho daquele famoso autor.⁷ Encontrei-o a tal ponto lacerado por traças e brocas⁸ que, naquele momento, se levasse

³ Não se registra nessa edição a autoria da tradução. Desse modo, preferimos indicar a obra pelo autor de seu prefácio.

⁴ S. P. = *salutem plurimam*.

⁵ Sanches dedica duas de suas obras a este mesmo amigo. Enquanto na dedicatória do poema *Carmen de Cometa* (1577), Sanches emprega “Diogo de Castro” – forma usada pelos “novos cristãos” –, aqui o cavaleiro da ordem de Cristo e também poeta e romancista é nomeado pela sua alcunha hebraica. Segundo Lojacono (2011, p. 627, nota 1), o uso do nome hebraico em *Que nada se sabe* poderia significar um retorno à identidade hebraica do filósofo. Para mais informações sobre a família de Castro, cf. bibliografia indicada por Lojacono (2011, p. 627, nota 1). À exceção do italiano, os demais tradutores que consultamos optam por empregar o nome cristão do amigo do filósofo.

⁶ *Librorum scrinium*: Na Antiguidade, o *scrinium* era um estojo em formato cilíndrico, com uma abertura superior e uma tampa, próprio para guardar um ou mais rolos de papiro ou pergaminho. (LEITE, 2011, p. 44). Sabemos que a *editio princeps* de *Que nada se sabe* (cuja digitalização, disponibilizada pela Biblioteca Nacional de Portugal, pode ser acessada neste link: <http://purl.pt/929>) não teve como suporte esse tipo de material. Mas é preciso ainda investigar se o termo *scrinium* adquirira outro sentido à época do filósofo ou se seu emprego pode já ser uma antecipação da alusão ao tratado de Horácio. As traduções que consultamos preferem, no geral, entender que se faz referências aos livros ou o conjunto deles: “biblioteca” (Menéndez e Pelayo, 1944, p. 37), “a case of books” (Thomson, 1988, p. 165); “os meus livros” (Vasconcelos, 1991, p. 55), “lo ‘scrigno’ dei miei libri” (Lojacono, 2011, p. 5).

⁷ O autor a que Sanches alude aqui é Horácio. Em sua *Carta aos Pisões*, mais conhecida como *Arte poética*, o poeta romano aconselha os amigos mencionados no título sobre as técnicas da poesia e as qualidades de um bom poeta. Já perto do final da carta, nos versos 386 a 389, o poeta afirma: “Se, contudo, um dia/ escreveres alguma coisa, que chegue aos ouvidos do crítico Mécio/ e aos do teu pai e também aos meus, e até o nono ano/ encerre-se em pergaminhos guardados; poder-se-á destruir/ o que não publicares; palavra dita não conhece volta.” (*Siquid tamen olim/ scripseris, in Maeci descendat iudicis auris/ et patris et nostras, nonumque prematur in annum/ membranis intus positis; delere licebit/ quod non edideris; nescit uox missa reuerti*; Ars. 386-9. Tradução extraída de MACIEL; MONTEIRO ET ALII (2013, p. 45).

⁸ Conforme aponta Lojacono (2011, p. 627, n. 3), a alegação de Sanches é análoga a de Luis Vives (1493-1540), que lamenta que muitos códices de textos sagrados tenham sido atingidos por tais insetos. Vives acrescenta ainda como padecentes do mesmo problema os textos de Aristóteles e Teofrasto.

abortare. Sed quemadmodum humani partus non solum qui nonum attigere mensem, verum & septimestres etiã vitales sunt, sic septenne hoc infectum superstes esse poterit. Est & alia ratio. Parturimus propediem nonnulla alia, quibus hoc praevium esse oportet. Quod si tandiu expectandum foret donec nil corrigi, nil mutari posset, Sisyphi saxum volueremus, nunquam finis lambendi ursi, nil daremus in vulgum unquam.

dois anos para trazê-lo à luz,⁹ havia o temor de que, então, houvesse necessidade de enviá-lo antes ao fogo do que à luz. Isso me compeliu a abortá-lo muito precipitadamente.¹⁰ Mas, assim como ocorre com os partos humanos em que não apenas os que atingiram o nono mês, mas até mesmo os que atingiram o sétimo mês, podem viver, também esse incompleto de sete anos poderá sobreviver.¹¹ E há ainda outro motivo. Daremos à luz em breve muitas outras obras às quais convém que esse livrinho anteceda.¹² Mas se fosse necessário esperar tanto tempo até que nada pudesse ser corrigido, nada mudado, fariamos rolar a pedra de Sísifo, nunca poríamos fim no lamber o urso,¹³ nunca trariamos nada a público.

Adde quod usu saepe venire videmus, ut qui multoties opus idem repetunt ut forment, tandem deformat. Exeat igitur bonis auibus in campum, falsitatem expugnaturus miles. Quod si ab hostibus premi contingat, moneo in castra, a Castro amantissime, se recipiat tua: nullibi enim tutior esse

Acrescente a isso o fato de que com frequência vemos acontecer que aqueles que muitas vezes voltam a mesma obra para lhe darem forma, por fim, a deformam. Que vá, portanto, com bons augúrios ao campo de batalha o soldado que há de

⁹ A expressão *in lucem proferre* pode significar também “publicar”. Preferimos, no entanto, seu sentido mais literal para enfatizar o jogo de palavras que Sanches emprega na sequência, envolvendo a imagem de lançar não à luz, mas ao fogo (*timendum erat, ne tunc potius in ignem, quam in lucem mittere necesse fuisset*).

¹⁰ Ao menos no período coberto pelo *Thesaurus Linguae Latinae* (dos primeiros registros da língua latina até 600 d.C.), o verbo *abortare* não é usado metaforicamente. Para além do fato de Sanches ter formação na área médica, parece-nos interessante observar que os aludidos versos horácianos podem ter introduzido a ideia de uma saída forçada do *opusculum* de um interior, em que se encontrava enclausurado numa comparação, que vai ser desenvolvida na sequência, entre a gestação de um livro e uma gravidez. O termo *membranis* (*Ars.* 388), que em Horácio tem o sentido de “pele (de animal)”, sobretudo quando preparada para ser usada como pergaminho (cf. *OLD*, sentido 3), pode significar também “âmnio” (cf. *OLD*, sentido 1b), a membrana que, desenvolvendo-se em torno do embrião, forma o saco em que está contido o líquido amniótico. Em algumas das traduções consultadas, esse sentido é apagado: Lojacono (2011, p. 5) traduz essa frase por “ciò mi ha costretto a farla apparire precipitosamente” e Vasconcelos (1991, p. 55), por “isto forçou-me a antecipar-lhe precipitadamente a publicação”. Thomson (1988, p. 165, n. 3) afirma que a antecipação de Sanches pode ter sido encorajada por Cristovão Clávio, professor do Collegio romano, com quem Sanches estava se correspondendo à época do início de seu trabalho em *Que nada se sabe*. O matemático atacava os dialéticos aristotélicos em seus argumentos sobre a precisão da ciência matemática em oposição às incertezas das opiniões dúbias e contraditórias dos dialéticos.

¹¹ Segundo Thomson (1988, p. 165, n. 4), essa é uma possível referência à obra *De septimestri partu* de Galeno.

¹² Embora *Quod nihil scitur* e *Carmen de cometa* tenham sido as únicas obras filosóficas publicadas em vida por Sanches, o filósofo parecia ter em mente uma série de publicações, que, como ele afirma, teriam como introdução este tratado. Da sua obra póstuma, destacam-se os tratados filosóficos *De divinatione per somnum, ad Aristotelem* e *De longitudine et brevitate vitae liber* e o comentário a uma obra à época atribuída a Aristóteles *In libro Aristotelis physiognomicon commentarius*.

¹³ A crença de que a urso dava forma a seu filhote lambendo-o é registrada, segundo Thomson (1988, p. 166, n. 6), em Aristóteles e Plínio (segundo Lojacono (2011, p. 628, n. 5), em *Hist. nat.*, VIII, 126-54), na Antiguidade, e na época de Sanches, no *De subtilitate* (10) de Girolamo Cardano.

possit. Sed ne forsan fores illi praecludas, non antea cognito, eum tibi mitto cum mandatis, ut quamprimum te ex nobis salutet, amicitiam nostram confirmet, insignisque tuo instructus in militiam prodeat. Excipe ergo cum laeta fronte, & in numerum tuorum ascribe, nosque cum illo.

combater a falsidade.¹⁴ E se acontecer de pelos inimigos ser cercado, aconselho que ele se recolha no seu acampamento, queridíssimo de Castro: em nenhum outro lugar ele pode estar mais seguro. Mas, para que você não feche as portas para ele, até agora um desconhecido, envio-o a você com instruções para que o quanto antes envie saudações minhas, confirme nossa amizade e avance para a batalha paramentado com suas insígnias. Recebe-o então com o semblante feliz e inclua-o, e nós com ele, entre os seus.

Vale, Tolosae.

Adeus, de Toulouse.

Carta ao leitor

FRANCISCVS SANCHEZ LECTORI S.

FRANCISCO SANCHES SAÚDA SEU LEITOR

Innatum homini velle scire: paucis concessum scire velle: paucioribus scire.

Inato ao homem é o querer saber;¹⁵ a poucos é concedido o saber querer; a um número menor ainda o saber.

Nec mihi ab aliis diuersa fortuna successit. A prima vita, Naturae contemplationi addictus minutim omnia inquirebam. Et quāuis initio auidus animus sciendi quocumque oblato cibo contentus esset utcumque: post modicum tamen tempus indigestione praehensus reuomere coepit omnia. Quaerebamque iam tunc quid illi darem quod & perfecte amplecteretur, & frueretur absolute: nec erat qui desiderium expleret meum.

E, a mim, não sucedeu fortuna diferente da de outros. Desde a primeira idade, devotado à contemplação da natureza, eu investigava todas as coisas minuciosamente.¹⁶ E, embora no início a mente ávida por saber ficasse satisfeita com qualquer alimento oferecido, depois de pouco tempo, entretanto, tomada pela indigestão, começou a vomitar tudo. E já então eu procurava saber o que dar a ela que fosse perfeitamente aceito e desfrutado em absoluto. Mas não havia o

¹⁴ A comparação entre o livro e um soldado, que poderia parecer irrelevante, tem como objetivo permitir que se estabeleça o jogo de palavras entre *castra* (“acampamento militar”) e o sobrenome do destinatário de Sanches, Diogo de Castro. Não foi possível manter em nossa tradução tal jogo de palavras.

¹⁵ O início de *Que nada se sabe* retoma a abertura da *Metafísica* de Aristóteles: πάντες ἄνθρωποι τοῦ εἰδέναι ὁρῶνται φύσει (“Todos os homens por natureza buscam conhecer”; Aristóteles, *Metafísica*, 980a.)

¹⁶ Vemos aqui, como aponta Lojacono (2011, p. 628, n. 8), dois aspectos que vão permear o texto de Sanches: de um lado, certo caráter autobiográfico, que se introduz já nesta Carta ao leitor; de outro lado, a postura médica – fato também relacionado à vivência do filósofo – de uma busca meticulosa, sempre voltada para a instauração de um método empírico.

Euoluebam praeteritorum dicta, tentabam praesentiū corda: idem respondebant: quod tamen mihi satisfaceret, omnino nihil. Vmbras quasdā fateor veritatis referebant aliqui: nullū tamen inueni, qui quid de rebus iudicandum sincere, absoluteque proferret. Ad me proinde memetipsum retuli; omniaque in dubium reuocans, ac si a quopiam nil unquam dictum, res ipsas examinare coepi: qui verus est sciendi modus. Resoluebam usque ad extrema principia. Inde initium contemplationis faciēs, quo magis cogito magis dubito: nil perfecte complecti possum. Despero. Persisto tamen. Magis. Accedo ad Doctores auide ab eis veritatem expetiturus. Quid ipsi? Quisque sibi scientiam construit ex imaginationibus tū alterius, tum propriis: ex his alias inferunt: & ex his iterū alias; nil in rebus perpendentes, quousque labyrinthum verborum absque aliquo fundamento veritatis produxere: ex quo tandem non res intelligas naturales; sed nouarum rerum, fictionumque texturam discas: quibus intelligendis nulla sufficiat mens. Quis enim quae non // sunt intelligat? Hinc Democriti Atomi, Platonis Ideae, Numeri Pythagorae, Aristotelis Vniuersalia, agens intellectus, & intelligentiae. His ignaros expiscantur, se incognita, Naturaeque recondita

que satisfizesse meu desejo. Revolvia as palavras da geração anterior, investigava a mente dos contemporâneos. Eles davam as mesmas respostas – o que, entretanto, em absolutamente nada me satisfazia.¹⁷ Confesso: alguns remetiam a certas sombras da verdade. Não encontrei, entretanto, um que colocasse em evidência de modo franco e preciso aquilo que se deve julgar quanto às coisas. Assim, voltei-me a mim mesmo. E, colocando tudo em dúvida como se nada tivesse sido dito vez alguma por alguém, comecei a examinar as coisas em si – que é o verdadeiro modo¹⁸ de saber. Quebrava as coisas até seus extremos princípios.¹⁹ Desde então, dando início à contemplação, quanto mais penso, mais duvido: não posso compreender nada completamente. Entro em desespero, mas persisto. Mais ainda: recorro aos doutores, avidamente esperando deles a verdade. E eles? Cada um constrói para si uma ciência²⁰ a partir dos pensamentos ora de outros, ora deles mesmos. Desses pensamentos inferem²¹ outros e desses novamente outros, sem nada examinar das coisas de fato, a ponto de terem construído um labirinto de palavras sem qualquer fundamento de verdade,²² a partir do qual, ao fim, não se pode compreender as coisas naturais, mas se pode aprender a tessitura das novas coisas e criações, para cujo entendimento nenhuma mente será

¹⁷ Lojaco (2011, p. 628, n. 10) afirma que há clara alusão aqui à *Apologia* de Platão (*Apologia*, 21 b e ss.), ainda que diferentemente de Sócrates, que analisa os sábios para buscar entender por que fora proclamado o mais sábio dos homens pelo oráculo, Sanches esteja em busca de um saber do qual seja seguro se aproximar.

¹⁸ *Sciendi modus*: concordando com Lojaco (2011, p. 629, n. 14), que adota “modo” (2011, p. 9) ao verter *modus*, preferimos manter uma tradução mais literal do termo, diferentemente de Thomson (1988, p. 167) que emprega “method”. Os demais tradutores consultados parecem ir no mesmo sentido. Vasconcelos (1991, p. 57) adota “meio” e Menéndez e Pelayo (1944, p. 42) “manera”.

¹⁹ Chama a atenção a construção que, ainda que exponha o método de investigação de Sanches, justapõe dois vocábulos com sentidos extremamente opostos: aquilo que vem por último (*extremus*) e o início de tudo (*principium*).

²⁰ *Scientiam*: o vocábulo aqui certamente remete a um modo de construção do conhecimento e não à ciência, enquanto uma disciplina. Embora a maioria dos tradutores adotem solução semelhante – “ciencia” em Menéndez e Pelayo (1944, p. 42); “ciência” em Vasconcelos (1991, p. 87) e “scienza” em Lojaco (2011, p. 9) – Thomson (1988, p. 168) prefere “scheme of knowledge”.

²¹ *Inferunt*: julgamos poder haver aqui uma diferença entre indução e dedução. Por isso, preferimos adotar o termo “induzir”. Os tradutores consultados divergem: Menéndez e Pelayo (1944, p. 42) adotam “deducían”; Thomson (1988, p. 168), “deduce”; Vasconcelos (1991, p. 87), “inferiram”, e Lojaco (2011, p. 9), “tragono”.

²² Lojaco (2011, p. 629-30, n. 18) ressalta que aqui Sanches aponta um dos principais temas de sua crítica. Trata-se da refutação do saber verbal e da lógica formal, em oposição a um saber empírico.

inuenisse prodentes. Credunt hi, facileque ad Aristotelem conuolant, voluunt, euoluunt, memoriae mandant: isque doctior est, qui plura ex Aristotele nouit recitare. Quibus si vel minimum neges, muti fiunt: te tamen blasphemum clamant. Si contra arguas, sophistam. Quid his facias? Miserum. Decipiantur qui decipi volunt. Non his scribo: nec proinde scripta legant mea. Non deerit tamen inter eos aliquis, qui lectis, nec intellectis, (quid enim asino cum lyra?) dente ferire tentet. Ast rumpitur impactus adamantum malleus; Aesopicaque serpens, limam dum rodere putat, dentes frangit proprios. Cum iis igitur mihi res sit, qui nullius addicti iurare in verba magistri, proprio Marte res expendunt, sensu, rationeque ducti.

suficiente. Pois quem aprenderia o que não existe?²³ Daí [originam-se], os Átomos de Demócrito, as Ideias de Platão, os Números de Pitágoras, os Universais de Aristóteles,²⁴ o intelecto ativo e as inteligências. Com isso, proclamando terem descoberto as coisas desconhecidas e recônditas da Natureza, fisgam os ignorantes. Eles acreditam e facilmente se arrebanham junto a Aristóteles, folheiam-no, leem-no, memorizam-no. É mais douto aquele que sabe recitar mais coisas de Aristóteles. Se deles você discorda na mínima coisa, tornam-se mudos; chamam-lhe, entretanto, de blasfemo. Se argumenta contra, de sofista. O que fazer com eles? Miserável de mim. Que sejam enganados os que desejam ser enganados. Não escrevo para esses: e que não leiam meus escritos. Não faltará, entretanto, entre eles alguém que, tendo lido, mas não entendido (pois o que o asno tem com a lira?),²⁵ tente ferir com o dente. Mas o martelo lançado é rompido pelo duro ferro; e a serpente esópica, enquanto julga roer a lima, dilacera os próprios dentes.²⁶ Portanto, é preciso que eu lide com os que, não devotados a jurar pelas palavras de um mestre,²⁷ examinam as coisas com a própria capacidade, conduzidos pelo senso e pela razão.

Tu igitur quisquis es eiusdem mecū conditionis, temperamentique: quique de rerum naturis saepissime tecum dubitasti, dubita modo mecum: ingenia nostra, naturamque simul exerceamus. Sit mihi liberum iudicium, non irrationabile tamen. Tibi tale & concedo, & precor. At dices forsan, quid post tot, tantosque viros tu nobis

Assim, você, quem quer que seja, com a mesma condição e moderação que eu, e que consigo duvidou muitas vezes da natureza das coisas, duvida agora comigo. Exercitemos ao mesmo tempo nossos engenhos e natureza. Que meu juízo seja livre, mas não irracional. Para você o mesmo eu concedo e peço. Mas talvez você diga: o que depois de

²³ Na opinião de Lojaco (2011, p. 630, n. 19), ao equiparar o saber verbal de Aristóteles ao não ser, Sanches faz “a recusa mais radical que se poderia enunciar, o anúncio de um ceticismo necessário, pelo menos para esse propósito” (“il rifiuto più radicale che si potesse pronunciare, l’annuncio di un necessario scetticismo, almeno a questo proposito”).

²⁴ Segundo Lojaco (2011, p. 630, n. 20), Sanches refuta aqui, dentre as diferentes definições de universais que se pode encontrar em Aristóteles, especificamente o passo de *De An.* II, 5, 417 b 23.

²⁵ Sanches faz referência a *Asinus ad hyram*, fábula de Fedro.

²⁶ Outra referência a uma fábula de Fedro, *Serpens ad fabrum ferrarium*, que o autor latino adaptou de Esopo.

²⁷ Lojaco (2011, p. 631, n. 27) ressalta que há aqui uma referência a um trecho de uma carta de Horácio (*Ep.* 1, 1, 14). Ainda segundo o tradutor, esse se tornará um *topos* da filosofia moderna, presente, por exemplo, no *De hominis dignitate oratio* (1480) de Giovanni Pico della Mirandola.

adferre potes noui? Tene expectabat Veritas? Minime quidem. Sed nec illos expectauerat antea. Nil igitur noui. Si sic, cur scripsit Aristoteles? Aut cur tacebimus nos? An ille Naturae potestatem determinauit totam, ambitumque uniuersum complexus est? Non crediderim, licet doctissimi quidam ex recentioribus ei nimis addicti sic praedicent: eum insuper vocantes Veritatis Dictatorem, Veritatis tribunal, Veritatis rempub. dignis sane tanto laudato, & tanto laudante epithetis: sed quae magis laudem ex alterius laudatione, & verborum ornatu affectare videantur, & mereantur, quam Veritatis rempub. In hac enim, ut & in eiusdē tribunali, nil nisi Veritas. In illo autem quot ab hac aliena? Sane plurima, ut suo quoque loco videbimus.

Et acutissimi isti eius alumni & laudatores, in pluribus ei repugnauerunt; ab eodem, credo, Veritatis tribunali compulsi: nisi malint ab ambitione, & liuore. Hercule Aristotelem inter acutissimos Naturae scrutatores plurimum valere iudico; unumque esse praecipuum ex mirabilibus humanae infirmitatis ingeniis. Nullibi tamen errasse non assererem: plurima ignorasse affirmo; in multis haesitasse, non pauca confuse tradidisse; alia succincte perstrinxisse; quaedam tacite praeteriisse, aut fugisse, video. Homo erat, ut & nos: quique coactus saepe humanae mentis torporem, infirmitatemque detegit.

tantos e tão grandes homens você poderá nos trazer de novo? É você que a Verdade esperava? Certamente não. Mas nem eles ela esperara anteriormente. Não há, portanto, nada de novo. Se é assim, por que Aristóteles escreveu? Ou por que nós nos calaremos? Acaso ele delimitou todo o poder da Natureza e compreendeu o espaço inteiro?²⁸ Não creio nisso, ainda que alguns doutíssimos entre os mais recentes, a ele muito dedicados, assim afirmem, chamando-o ainda de Ditador da Verdade, tribunal da Verdade, república da Verdade – com epítetos certamente dignos de tão grande elogiado e de tão ilustre elogiador. Mas esses epítetos parecem – e merecem – mais buscar a glória do discurso laudatório de outro e do ornato das palavras do que a república da Verdade. Pois nela, assim como no tribunal da Verdade, não há nada exceto a Verdade. Mas naquele [*i.e.* em Aristóteles] quantas coisas há alheias a ela? Certamente muitas, como veremos também em seu momento.

Também esses seus alunos e elogiadores muitíssimos perspicazes, em muitas coisas dele discordaram, compelidos, creio eu, pelo próprio tribunal da Verdade; a não ser que preferissem [ser compelidos] pela ambição e inveja. Por Hércules! Julgo que Aristóteles tem muito valor entre os mais perspicazes perscrutadores da Natureza e é o único notável entre os admiráveis engenhos da debilidade humana. Não diria, entretanto, que ele não tenha errado em lugar algum. Afirmo que ele ignorou muitas coisas. E vejo que hesitou em muitas, relatou não poucas coisas de modo confuso, tratou alguns assuntos sucintamente, calou-se sobre outros ou fugiu deles.²⁹ Era um homem, como

²⁸ Na marginália da edição de 1581 de *Que nada se sabe*, menciona-se nesta passagem Júlio César Scaligero. Lojacono (2011, p. 632, n. 29) afirma que essa deve ser uma alusão a *Exotericarum exercitationum*, 194, dist. 4., em que Aristóteles é apresentado como o autor que corrigiu todos os pensadores antecedentes e criou sua *respublica veritatis*, que teria sido atacada apenas por ratos miseráveis. Thomson (1988, p. 169, n. 13) alega que Scaligero seria equiparado por seus contemporâneos a Aristóteles pelo seu grande conhecimento.

²⁹ Diferentemente do que indica o tom de Sanches aqui *Que nada se sabe* é pautado em uma oposição bastante crítica às ideias aristotélicas. Como apontam Thomson (1988, p. 170, n. 14 e p. 30), Sanches se aproxima

Nos eandem dolentes hic & manifestamus, & exercemus, & exaurimus; dum plurima cogitando elicimus, quae ut a veterum decretis abscedunt, sic ad Veritatis accedere videntur. Tale est iudicium nostrum. Succedunt temporibus tempora, sic hominum diuersae opiniones: quorum quisque se verum inuenisse credit: cum ex mille varia opinantibus solus unus inuenisse potest. Liceat igitur & mihi cum reliquis, aut etiam absque illis, idem inquirere: fors an attingam. Plures enim canes facilius praedam venantur uno. Nil itaque mirum tibi videatur, si post tot, ut arguis, tantosque viros tantillus ego lapidem hunc moueam: soluit enim quandoque a vinculis mus leonem. Nec proinde tamen Veritatem tibi omnino polliceor, ut qui eam, ut alia omnia, ignorem: inquiram tamen in quantum potero: tuque utcumque apertam, & e latebris excussam persequeris. Nec tamen eam arripere speres unquam, aut sciens tenere: sufficiat tibi quod & mihi, eandem agitare. Hic mihi scopus, hic finis est: hunc tu quaerere etiam debes.

nós,³⁰ que, muitas vezes, coagido, revelou o torpor da mente humana e sua fraqueza. Nós, sofrendo do mesmo mal, aqui o revelamos, o exercitamos, e o esgotamos, enquanto, por meio do pensamento, trazemos à tona muitas coisas, que, como se afastam dos julgamentos dos antigos, parecem aproximar-se assim da Verdade. Esta é minha opinião: assim como os tempos sucedem os tempos, ocorre com as diferentes opiniões dos homens. Entre eles cada um acredita ter encontrado o verdadeiro, quando, entre mil diferentes opinadores, apenas um pode tê-lo encontrado. Desse modo, que me seja permitido, entre os demais ou, ainda, sem eles, investigar a mesma coisa: talvez eu a alcance. Pois mais cães caçam uma presa com mais facilidade que apenas um. Assim que não lhe pareça digno de espanto, se, depois de tantos e, como você afirma, tão grandes homens, eu, tão pequeno, mover essa pedra: de fato, às vezes um rato solta um leão dos grilhões.³¹ Sendo assim, não lhe prometo inteiramente a Verdade, uma vez que a ignoro, como todas as outras coisas. Contudo, eu a buscarei tanto quanto puder. E você, de qualquer modo que seja revelada e arrancada das sombras, a perseguirá. Mas não espere se apossar dela em tempo algum, ou, ciente, a ter. Que lhe seja suficiente, o que é para mim: persegui-la. Esse é meu escopo, esse é meu fim: você também deve buscá-lo.

Quo posito, a principiis rerum exordium sumentes, grauiora Philosophiae capita examinabimus, ex quibus facilius reliqua colligi possint. Nec enim in his inmorari in votis est omnino: ad Medicam quippe artem viam affectamus, cuius professores

Isso posto, começando pelos princípios, examinaremos os mais importantes argumentos da Filosofia, a partir dos quais os demais podem ser mais facilmente reunidos. Pois não é absolutamente desejável demorar-se nessas coisas: de fato, busco o caminho até a

aqui de Vives, que em *De disciplinis* – obra que discute a corrupção dos três principais ramos da filosofia (linguagem, filosofia natural e filosofia moral) –, ainda que critique Aristóteles, reconhece que o estagirita foi um filósofo notável em sua época.

³⁰ Lojaco (2011, p. 632-3, n. 31) nos informa que esse é um *tópos* registrado desde a Idade Média, mas que grassará no Humanismo e no Renascimento depois de Petrarca. Para um apanhado de ocorrências, o editor recomenda que se confira o estudo de Luca Bianchi (“‘Aristotele fu uomo e poté errare’: sulle origini medievali della critica al principio di autorità”, in: *Studi sull’aristotelismo del Rinascimento*. Padova: Il Poligrafo, 2000, p. 101-123).

³¹ Alusão à fábula de Esopo, “O leão e o rato”.

sumus: cuiusque principia omnia Philosophicae contemplationis sunt: ut eadem manu duos simul moueamus lapides: nec enim aliter vita sufficeret. Excusandus subinde venio, si dum Veritati inquirendae studeo, minutiora quaedam con- / / tempsero. Non igitur a me comptam & politam expectes orationem. Darem quidem si vellem: sed labitur interea veritas, dum verbum pro verbo supponimus, ambagibusque utimur: hoc namque est verba dare. Si id vis, pete a Cicerone, cuius hoc munus est: sat enim pulchre dixerit, si sat vere. Decent bella verba Rhetores, Poetas, aulicos, amatores, meretrices, lenones, adulatores, parasitos, & his similes, quibus belle loqui finis est. Scientiae sufficit proprie, imo necessarium est: quod tamen cum illo stare non potest. Nec a me postules multorum autoritates, aut in autores reuerentiam, quae potius seruilis & indocti animi est, quam liberi, & veritatem inquirentis. Solam sequar ratione Naturam. Autoritas credere iubet; ratio demonstrat: Illa fidei; haec scientiis aptior. Proinde quae ab aliis recte dicta videbuntur, ratione confirmabo: quae falso, eadem infirmabo. Faxitque Deus, ut quo ego animo haec tibi vigilans elaboro, eodem tu elaborata excipias vigilans, sanaque mente iudices: & quae falsa videbuntur, firmis rationibus, (quod ut Philosophi est, sic mihi valde gratum) non infirmis iniuriis, (quod ut foeminarum, sic Philosopho indignum, & mihi omnino ingratum) quod cum liuidi, tum ignari quidam faciunt, laccessas: quae vero sana, approbes & confirmes. Quod ut fiet spero, sic ut maiora prope diem expecta.

arte médica, da qual sou mestre e a qual pertencem todos os princípios da contemplação filosófica.³² Desse modo, com uma só cajadada mataremos dois coelhos,³³ pois, de outro modo, uma vida não bastaria. Venho para me desculpar se, por vezes, ao me esforçar inquirendo a Verdade, eu desprezar algumas coisas muito menores. Assim, não espere de mim um discurso enfeitado e polido. De fato, eu o ofereceria, se quisesse. Mas a verdade escapa, enquanto substituímos uma palavra pela outra e fazemos rodeios: isso é enganar. Se quer isso, peça a Cícero, para quem isso é um ofício. Eu direi de maneira suficientemente bela, se for suficientemente verdadeiro. As belas palavras são convenientes aos retores, poetas, aos áulicos, aos apaixonados, às meretrizes, aos rufiões, aos bajuladores, aos parasitas e aos seus semelhantes, para os quais falar belamente é um fim. À ciência falar apropriadamente é suficiente; na verdade, é necessário. Isso [*i.e.* falar apropriadamente], entretanto, não pode coexistir com aquilo [*i.e.* falar belamente]. E não me peça muitas citações ou reverência aos autores. A reverência é algo mais do espírito indócil do que do livre e do que busca a verdade. Com a razão, seguirei apenas a Natureza. A autoridade ordena acreditar; a razão demonstra. Aquela é mais apta à fé, esta às ciências. Assim, aquilo que parecer ser dito corretamente pelos outros, confirmarei com a razão; o que parecer falso, com a mesma refutarei. E que Deus faça com que, com o mesmo ânimo que eu, atento, elaboro essas coisas, você, atento, receba as coisas elaboradas e, com a mente sã, julgue. E que você ataque o que parecer falso, com razões fortes (o que, do mesmo modo que o é para o Filósofo, a mim é muito agradável), não com injúrias débeis (o que, sendo das mulheres, é indigno ao filósofo e absolutamente

³² A ideia de que filosofia e medicina estão intimamente ligadas aparece também em outra obra de Sanches. Trata-se de *De longitudine et breuitate vitae*, mais precisamente no capítulo IX. Lojaco (2011, p. 634, n. 35) indica que tal crença deriva da obra *Quod optimus Medicus sit quoque philosophus* de Galeno. Thomson (1988, p. 171, n. 16) afirma que Descartes trata da relação entre o estudo da medicina e da filosofia de modo semelhante por três vezes em seu *Discurso do método*.

³³ *Vt eadem manu duos simul moueamus lapides*: literalmente, “que movamos duas pedras ao mesmo tempo com uma só mão”.

desagradável a mim), o que fazem não apenas os invejosos, mas também certos ignaros. O que for de fato sensato, aprove e confirme. Espero que assim aconteça. Espere coisas maiores em breve.

Vale. Ex Tolosa, Kal. Ianu. Anno redemptionis.

M.D. LXXVI.

QVID? //

Adeus. De Toulouse. Nas Kalendas de janeiro do ano da redenção.

1576

O QUÊ?

Referências

- MACIEL, Monteiro *et alii* (orgs.). 2013. *Epistula ad Pisones - Horácio*. FALE/UFMG: Belo Horizonte.
- MORAES FILHO, Evaristo de. 1953. *Francisco Sanches na Renascença portuguesa*. Lisboa: Ministério da Educação e Saúde.
- SANCHES, Francisco. *That nothing is known (Quod nihil scitur)*. Introdução, notas e bibliografia de Elaine Limbrick. Estabelecimento do texto latino, notas e tradução de Douglas F. S. Thomson. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- SANCHES, Francisco. *Que nada se sabe*. Apresentação de Joaquim de Carvalho. Tradução de Basílio de Vasconcelos. Lisboa: Vega, 1991.
- SANCHEZ, Francisco. *Tutte le opere filosofiche*. Edição de Claudio Buccolini e Ettore Lojacono. Milão: Bompiani, 2011.
- SÁNCHEZ, Francisco. *Que nada se sabe*. Com prólogo de Marcelino Menéndez e Pelayo. Buenos Aires: Emecé, 1944.
- TAVARES, Severiano. 1945a. "Francisco Sanches e o problema de sua nacionalidade". *Revista Portuguesa de Filosofia*, 1(1): 63-76.
- TAVARES, Severiano. 1945b. "Ainda a naturalidade de Francisco Sanches". *Revista Portuguesa de Filosofia*, 1(1): 150-7.
- TAVARES, Severiano. 1951. "Francisco Sanches. O homem". *Revista Portuguesa de Filosofia*, 7(4): 118-9.